

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

## A DIMENSÃO NARRATIVA DO JORNALISMO

**Renato Essenfelder**, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professor do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da ESPM-SP.

### **Resumo:**

O texto parte de pesquisa realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa em Produção de Conteúdo Jornalístico do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da ESPM-SP e faz um resgate de conceitos de narrativa, sob a perspectiva da linguística e da filosofia. Em seguida, busca aplicá-los ao contexto do campo jornalístico, reivindicando aos seus profissionais o status de narradores.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; narrativa; narratividade; notícia; reportagem.

### **1. Introdução**

Informar é narrar. Reportar é narrar. O jornalista é um contador de histórias. As afirmações, que aos olhos dos estudiosos da Linguística podem parecer pacíficas, despertam ainda polêmica no campo do Jornalismo. A prática do jornalismo, afinal, por todo o século 20 se fundamentou sobre o paradigma da objetividade – e, com isso, buscou negar sua essência narrativa.

Neste estudo, realizamos uma revisão bibliográfica sobre conceitos de narrativa para então aplicá-los ao contexto do jornalismo – seu estudo e sua prática. Dessa maneira, busca-se resgatar a noção do jornalista contador de histórias, que assume essa atitude e dela extrai proveito – seja por meio da *autoconsciência*, da atuação mais *transparente* ou então do *enriquecimento* de suas narrativas, alimentadas pelos recursos de que a literatura, o cinema, a televisão, o teatro etc., já se utilizam há tempos.

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

## 2. Discussão

O *ethos* do campo jornalístico ostenta os valores da objetividade e da imparcialidade como centrais, e, com isso, muitas vezes busca circunscrever a figura do jornalista aos limites de uma máquina, despersonalizando-o, desobjetivando-o, na tentativa, talvez, de garantir uma aparência de absoluta verdade ao texto.

Tal questão se relaciona a um estereótipo frequente sobre os jornalistas – popularizado inclusive por eles próprios: o de que o repórter é um homem de *ação*, e não de *reflexão*. Seria portanto um (re)transmissor de discursos, um investigador, e não um ator-autor na sociedade<sup>1</sup>.

A realidade, contudo, não é composta por jornalistas de aço, mas se traduz em um campo povoado de sujeitos únicos, com seus valores e visões de mundo particulares. O jornalista é um ser humano. Em sendo assim, narra. Pois a narrativa, conforme lembra Motta, não é um capricho dos criativos. É uma necessidade de nossa espécie:

(...) narrar é uma prática humana universal, transhistórica, pancultural. Todos os povos, culturas nações e civilizações se construíram narrando. Narrar é uma experiência enraizada na existência humana. Vivemos mediante narrações. Construimos nossa biografia pessoal e nossa identidade narrando. Vivemos nossas relações conosco mesmos e com outros narrando. (...) Somos narrativos, sonhamos, imaginamos, recordamos, conversamos, aprendemos, interagimos, nos divertimos, cremos, amamos, zombamos e odiamos narrando. (...) Na narrativa imitamos a vida, na vida, imitamos as narrativas. (2004, p. 6)

Contrariar, ocultar ou negar a dimensão criativa e criadora do jornalista – sua dimensão narrativa – é negar portanto a sua humanidade. Esse tipo de atitude não apenas dissemina uma visão empobrecedora sobre o jornalismo, especialmente em um cenário de multiplicação de canais de comunicação e de oportunidades de autoria. Vai além: fomenta uma visão nociva, deletéria, sobre a profissão e seus sujeitos.

---

<sup>1</sup> Para uma discussão mais profunda sobre o tema, indicamos a leitura do artigo “De transmissor a narrador: desconstrução de estereótipos sobre jornalistas” (ESSENFELDER, 2016).

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Se o conceito de autoria parece em xeque com a celeridade e efemeridade das postagens em redes sociais e a diversificação de canais de informação, muitos dos quais já totalmente automatizados, é preciso resgatar a noção de autoria e de mediação social no jornalismo. Recuperar, assim, a sua dimensão narrativa, pois “o jornalista não divulga, constrói mundos. Não é uma máquina, mas um narrador: um autor das narrativas da contemporaneidade” (ESSENFELDER, 2016, p. 45).

Mas o que é narrar e por que o estatuto de narrador é tão ameaçador à visão positivista do jornalismo como espelho da realidade?

Partindo de uma definição mais elementar, podemos entender a narrativa como “relato de determinada sequência de acontecimentos reais ou inventados” (MINCHILO e CABRAL, 1989, pág. 1). No dicionário “Aurélio” (2016, online), a narrativa é colocada como sinônimo de “história”.

À medida que avançamos na questão, contudo, vemos como o universo da narratividade é amplo e fecundo desde sua concepção original. Para a jornalista e pesquisadora Cremilda Medina, uma das pioneiras no estudo do jornalismo como dialogia e produção social de sentidos no Brasil, a narrativa é o resultado da capacidade do homem de transformar o caos da vida em unidades de sentido apreensível – função essencial do jornalismo. Para ela:

Uma definição simples de narrativa é aquela que a compreende como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado de capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o *sapiens* organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talentos de alguns, poder narrar é uma necessidade vital. (MEDINA, 2006, p. 67)

## JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

Arranjar o caos em cosmos, equivale a, na perspectiva de Kossoy (1999, p. 36-37), passar de uma realidade primeira (o empirismo do dia a dia, da natureza) para uma realidade segunda, simbólica, composta por representações.

É por isso que a narrativa é também uma maneira de constituição do(s) sujeito(s) – narradores e narratários –, já que organiza mundos possíveis. Para o antropólogo John Niles (1999), o advento da narrativa inaugura a possibilidade de desenvolvimento humano. Roland Barthes lembra que a narrativa existe em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, e “começa com a própria história da humanidade” (1971). Somos, no dizer de Foucault, “seres de linguagem, e não seres que possuem linguagem” (2000). Por isso, reconhecer a dimensão narrativa do jornalismo, revendo desde seus manuais de redação mais técnicos até o ensino nas escolas de jornalismo, equivale a não apenas enriquecer nossa experiência como autores e leitores, mas a reconhecer a própria humanidade dos profissionais desse campo.

### 3. Referências

ESSENFELDER, Renato. **De transmissor a narrador**: desconstrução de estereótipos sobre jornalistas. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 6, n. 18, p. 31-47, jan./jun 2016.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**. São Paulo: Paulus, 2006.

MINCHILLO, Carlos Alberto C., e CABRAL, Isabel Cristina. **A Narração – Teoria e Prática**. São Paulo: Atual, 1989.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2004.

NILES, John. **The Poetics and Anthropology**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.